

*Sur le journalisme – About Journalism – Sobre jornalismo*

*Revista científica internacional de acesso livre  
publicada nas versões eletrônica e em papel*

<http://surlejournalisme.com/rev>

**Chamada para publicação**

*Reportagem em quadrinhos*

*Hibridismos, margens, estratégias*

Data de publicação da chamada: **1 de dezembro de 2021**  
Data final para recebimento de artigos: **15 de maio de 2022**

Responsáveis pelo número temático:

Olivier Koch, Universidade Nice-Sophia Antipolis, França  
Pablo Turnes, Universidade de Buenos Aires, Argentina/Alexander von Humboldt  
Foundation-Freie Universität Berlin, Alemanha  
Fabrice Preyat, Université libre de Bruxelles, Bélgica

Desde os anos 2000, o jornalismo em quadrinhos tem desfrutado, internacionalmente, de um crescente sucesso editorial, graças a autore/as que trabalharam para a renovação de um tipo singular de narrativa gráfica, enraizada na realidade, e que oferece uma alternativa aos meios de comunicação de massa, ao abordar os problemas dos atores dominados (migrantes, comunidades LGBTQ+, comunidades agrícolas espoliadas, etc.). A reportagem gráfica teve um desenvolvimento significativo nos anos 1960-1970 nos Estados Unidos, e nos anos 1969-1980, na França, na seara de publicações associadas à contracultura. Ela assume formatos diversos em paisagens editoriais das mais contrastantes, desde a produção alternativa até a das principais editoras ou veículos de comunicação. Na França, por exemplo, revistas como *L'Association*, *Revue Dessinée* ou *XXI*, ou ainda as editoras Gallimard e Dupuis, por meio do famoso fenômeno de concentração editorial, especialmente o da Média-Participations, todas contribuem para a difusão do gênero, ao publicar reportagens sobre temas “sérios” (guerras, genocídios, corrupção das elites, lutas sindicais, etc.), contrariando a reputação dos quadrinhos, tradicionalmente associados à ficção e ao público adolescente.

O desenvolvimento da reportagem em quadrinhos é o resultado da convergência entre as estratégias industriais das editoras e o engajamento de autore/as que buscam praticar um “outro tipo” de jornalismo. Em sua história recente, o jornalismo em quadrinhos inscreve-se em uma clara tendência de aumento constante da popularidade dos quadrinhos, que vêm usufruindo de uma “nova legitimidade cultural” e da renovação dos leitores nos chamados nichos editoriais da “não-ficção” (BERTHOU, 2016). No difícil contexto econômico da imprensa escrita, e frente à crescente popularidade dos quadrinhos, vários meios de comunicação têm lançado mão da reportagem em quadrinhos como meio de (re)valorização

editorial, instituindo-a como produto de apelo destinado a captar novos leitores. Ao mesmo tempo, o campo dos quadrinhos beneficiou-se da legitimação promovida pelo reposicionamento “desse meio muitas vezes desacreditado no campo do factual, do crível e do verificável” (BOURDIEU, 2012).

Essa oferta editorial depende de autore/as comprometidos com a prática de um jornalismo “alternativo”, situado às margens das indústrias dominantes da mídia (DABITCH, 2009). Incarnam, pelos assuntos tratados e o tipo de produção - reportagem e investigação -, uma certa nobreza da profissão (RUELLAN, 2007). Esse gênero se desenvolve em margem de uma produção de informações em grande escala, *just-in-time* e em formato curto, tais como consumíveis descartáveis (especialmente em jornais gratuitos) que mobilizam profissionais “de mesa”, sedentarizados. De fato, as narrativas em formato longo da reportagem em quadrinhos são geralmente publicadas em suportes perenes (*mook* ou álbum), com base em pesquisas produzidas no longo prazo (entre algumas semanas e vários anos) em situações de imersão (DOZO, 2010). Além disso, rompem com as convenções usuais de objetividade, propondo uma abordagem desconstrutivista do mito do jornalista desengajado, dominante na profissão (LÉVÊQUE, 2010): por meio da auto-representação, muitos repórteres-autores (“reportadores”) buscam encenar sua visão do mundo, restituindo as condições de coleta da informação, suas interpretações e hesitações, e praticando uma forma de “jornalismo da dúvida” (MARION, 2021), ou jornalismo militante (LESAGE, 2017). Por fim, se estabelecem para além das fronteiras, ou “fora” da profissão (DABITCH, 2009), já que muitos autores e autoras (ao menos no início) não eram formados em jornalismo, nem tinham carteira de jornalista, não fazendo questão de integrar a comunidade profissional do “nós jornalistas”.

Ao abraçar as ambições de um “jornalismo narrativo”, assumidamente subjetivo, a reportagem em quadrinhos inscreve-se na linha, ocasionalmente reivindicada pelo/as autore/as, de modelos como o *new [new] journalism*, o jornalismo gonzo, o jornalismo literário ou o *slow journalism*, e por figuras diversas, como Hunter S. Thompson, Mark Kramer ou Albert Londres. Há alguns anos, o jornalismo desenhado vem também se utilizando de formas narrativas e críticas que recorrem, pelas vias da transnacionalização, a uma importação e declinação de modelos.

Este volume da revista *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* busca examinar as “alternativas” assumidas pelas reportagens em quadrinhos, considerando suas singularidades narrativas e editoriais, suas relações com a profissão e as estratégias industriais das quais são tributárias. Para isso, pretende explorar o gênero de forma interdisciplinar, focando três eixos distintos com base em abordagens tanto da narratologia pós-clássica e da análise do discurso, como da sociologia, dos estudos da indústria cultural e da história da mídia.

## **1. Hibridismos, narração e criação estética.**

O objetivo desse eixo é questionar as modalidades e especificidades da narração na reportagem gráfica e situá-la na história das narrativas midiáticas.

A história contemporânea sugere que a reportagem em quadrinhos remonta ao jornalismo gráfico americano dos anos 60 e 70 (S. Silverstein, W. Eisner, etc.) ou ainda à imprensa alternativa francesa que se desenvolveu a partir do mesmo período e nos anos 80 (Gébé, Cabu, Teulé,...). Entretanto, essa genealogia, que data suas primeiras aparições no século XIX, em revistas ilustradas francesas, inglesas ou americanas, ainda é pouco conhecida (SMOLDEREN, 2012 ; LÉVRIER & PINSON, 2021), merecendo estudos mais aprofundados. Que modelos narrativos as reportagens gráficas apresentam, principalmente os primeiros

epígonos do gênero (séculos XIX-XX)? Hoje, quais são os procedimentos de demarcação, as estratégias gráficas e discursivas da reportagem em quadrinhos como atestação de investigação, ao buscar escrever o “real” (cf. P.-A. DELANNOY, 2007)? Como se estabelece a “concorrência” entre regimes ficcionais, ou mesmo auto-ficcionais, mas também midiáticos (diálogos intermediáticos ou narração transmídia - empréstimos da fotografia, das artes gráficas, reportagens animadas, webdoc, televisão...) e a escrita factual, no âmbito de narrativas onde a informação é geralmente tida como “inimiga” da narração? Quando violências físicas e psicológicas são relatadas, de quais recursos lançam mão para produzir uma prova testemunhal, para escrever o indizível, para representar o “i-mostrável”, para respeitar as vítimas ao dar corpo ao trauma? Como o jornalismo desenhado é recebido na interseção do discurso informativo que ele produz com o julgamento estético dos procedimentos aos quais recorre?

## **2. Margens, identidades, dominação.**

Nesse eixo, objetiva-se examinar os desafios profissionais e as definições inerentes à abordagem do/as autore/as da reportagem em quadrinhos, assim como as escolhas dos temas e as representações dos atores ou dos discursos marginais, dominados (também em termos de gênero, diversidade, etc.).

A reportagem desenhada, embora à margem de uma produção dominante da informação, oferece “alternativas” que merecem ser aprofundadas, como o que se aparenta ao papel do “outsider” no campo jornalístico. Que “alternativas” oferece aos discursos dominantes e de dominação? A reportagem desenhada promove a eclosão de temas e discursos marginais, dando voz a atores que dela são privados; retoma também temas investigados em formatos longos (on-line, televisão ou livros escritos por jornalistas)? Nesse intuito, o/as autore/as participariam da hierarquização das diferentes formas de jornalismo, reivindicando simultaneamente uma posição de “outsider” e o pertencimento a uma certa nobreza ou excelência da profissão?

Em sua forma atual, a sociologia do/as autore/as-repórteres, ao investigar sua posição dentro ou em relação ao corpo da profissão (status, identidade, renda) e suas condições de trabalho, ainda é muito lacunar. Esse conhecimento poderia enriquecer-se de biografias sociais do/as autore/as, da análise de suas formações e trajetórias, dos processos de profissionalização e das especificidades da divisão do trabalho entre diferentes instâncias: editores, roteiristas, repórteres, cartunistas, “autores completos” (B. PEETERS, 2017).

## **3. Estratégias industriais e editoriais**

Esse eixo trata das estratégias implementadas pelas editoras de imprensa e de histórias em quadrinhos no desenvolvimento do jornalismo gráfico.

Qual o impacto das estratégias editoriais, dos investimentos das editoras de imprensa e aqueles, mais robustos nos últimos anos, das editoras de quadrinhos na marginalidade desse jornalismo? Quais modelos econômicos (edição alternativa versus edição de massa) são aplicados à produção de quadrinhos frente à crescente concentração editorial, desde os anos 1990-2000, que vem promovendo a consolidação de produtos de nicho, a exemplo do romance gráfico? Quais são as estratégias de distinção, valorização e legitimação dos editores alternativos e das grandes editoras na publicação de reportagens gráficas? No âmbito dessas estratégias, que papel desempenha a *estetização*, ou mesmo a *artealização*, da informação? Como é redefinida a concorrência entre as editoras? Qual a proporção de espaços ocupados pela

auto-publicação na produção geral de reportagens gráficas? A que público se dirige o gênero ao se abrir para o campo da “não-ficção”?

Frente a narrativas “à altura de homem” (BOURDIEU, 2012), esta edição questiona como a reportagem desenhada, percebida como um campo de hibridização e mediação particular do real, impacta os quadrinhos e como os quadrinhos impactam o jornalismo.

As submissões de contribuição (com no máximo 50.000 caracteres) devem ser encaminhadas, até **15 de maio** de 2022, ao e-mail seguinte: [editors.surlejournalisme@gmail.com](mailto:editors.surlejournalisme@gmail.com)

Os responsáveis do número podem ser contatados para qualquer pedido de informação:

Olivier KOCH [koches1@yahoo.fr](mailto:koches1@yahoo.fr)  
Pablo TURNES [pturnes@sociales.uba.ar](mailto:pturnes@sociales.uba.ar)  
Fabrice PREYAT [fpreyat@ulb.ac.be](mailto:fpreyat@ulb.ac.be)

### Referências bibliográficas

Berthou B., 2016, *Éditer la bande dessinée*, Paris : Éditions du cercle de la librairie (« Pratiques éditoriales »), pp. 11-19.

Bourdieu S., 2012, « Le reportage en bande dessinée dans la presse actuelle : un autre regard sur le monde », *CO#TEXTES*, n°11 (« Le littéraire en régime journalistique »). Recuperado de <https://journals.openedition.org/contextes/5362>

Caraco B., 2013, « Reportage(s) : Intimité du journalisme et de la bande dessinée ». In *Nonfiction*. Recuperado de <https://www.nonfiction.fr/article-6712-reportage-s-intimite-du-journalisme-et-de-la-bande-dessinee.htm>

Catalá Carrasco J., Drinot P., Scorer J. (Org.), 2017, *Comics and Memory in Latin America*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.

Dabitch C., 2009, « Reportage et bande dessinée », dans *Bande dessinée et lien social*, É. Dacheux (dir.), Paris : CNRS Éditions (« Les essentiels d’Hermès »), pp. 67-81.

Delannoy P. A. (Org.), 2007, *La bande dessinée à l’épreuve du réel*, Paris-Lille : L’Harmattan-CIRCAV (« Les Cahiers Interdisciplinaires de la Recherche en Communication Audio Visuelle », 19).

Dozo B.O., 2010, « Note sur la bande dessinée de reportage », *Textyles*, n°36-37 (« La bande dessinée contemporaine », B.-O. Dozo, F. Preyat, (Orgs.), pp. 149-155.

Lesage S., 2017, « La bande dessinée, une nouvelle écriture de l’info », *La revue des médias*. Recuperado de <https://larevuedesmedias.ina.fr/la-bande-dessinee-une-nouvelle-ecriture-de-linfo>

Lévêque S., 2010, « Introduction », in Lévêque S., Ruellan D., (Orgs.), *Journalistes engagés*, Rennes : Presses Universitaires de Rennes, pp. 9-16.

Lévrier A., Pinson G., (Org.), *Presse et bande dessinée. Une aventure sans fin*, 2021, Bruxelles : Les Impressions nouvelles

Marion Ph., 2021, « Quand la bande dessinée s'engage en journalisme : regards sur le BD reportage », in *Bande dessinée et engagement*, F. Preyat, J.-L. Tilleuil, (Orgs.), Bruxelles : Peter Lang, (à paraître)

Michaud C. (dir.), 2016, *Escritura e imagen en Hispanoamérica*, Lima: Fondo Editorial de la PUCP.

Orselli J., Sohet P., 2005, « Reportage d'images / Images du reportage ». In *Image and narrative*. Recuperado de [http://www.imageandnarrative.be/inarchive/worldmusicb\\_advertising/orselli.htm](http://www.imageandnarrative.be/inarchive/worldmusicb_advertising/orselli.htm)

Ruellan D., 2007, *Le journalisme ou le professionnalisme du flou*, Grenoble : Presses universitaires de Grenoble.

Scorer J. (Org.), 2020, *Comics beyond the page in Latin America*, London: UCL Press.

Smolderen Th., 2012, « I. Les débuts de la bande dessinée dans l'*Illustrated London News* ». In *Neuvième art 2.0*. Recuperado de <http://neuviemeart.citebd.org/spip.php?article357>